
Brincadeiras que meus pais brincavam: projeto educacional do CEI Neide Clarassot

Cintia Lima Silva

Licenciada em Educação Física – Uninove-SP.
São Paulo – SP [BRasil]
cintialimasilva@ibest.com.br

Bráulio Rodrigues de Almeida Júnior

São Paulo – SP [BRasil]
professorbraulio@uol.com.br

Anderson Caetano Paulo

Mestre em Educação Física – USP
Professor no Curso de Educação
Física – Uninove e UNIP.
São Paulo – SP [BRasil]
acaetano@uninove.br

Este trabalho tem por objetivo avaliar os benefícios da utilização de brincadeiras tradicionais infantis (BTs), como ferramenta pedagógica, no desenvolvimento social da criança de 3 a 5,9 anos de idade. Para isso, desenvolveu-se o projeto educacional “Brincadeiras que os meus pais brincavam” no CEI Neide Clarassot – SP. Buscou-se resgatar as BTs com os pais e funcionários da escola, por meio de questionário. O método de observação com a introdução das BTs constou de anotações diárias sobre alterações nos comportamentos sociais dos alunos durante o ano letivo. Houve alterações nos comportamentos sociais e percebeu-se que as BTs podem ser um meio importante de facilitar o processo de ensino-aprendizagem da criança, devido às situações sociais que ela proporciona.

Palavras-chave: Brincadeira; Jogo; Educação infantil;
Socialização.

1 Introdução

Recuperar as brincadeiras do passado, conhecê-las e trazê-las de volta para o cotidiano escolar seria um importante processo para a exploração e a preservação da cultura e do folclore. Como em muitas manifestações populares, as Brincadeiras Tradicionais Infantis (BTs) sofrem constantes transformações por serem transmitidas de forma verbal e estarem escassas na literatura. Assim elas passam de geração em geração, e correm o risco de desaparecerem.

As brincadeiras contêm métodos e significados educativos que são apresentados sob a forma de antologias, representando assim instrumento prático para ser aplicado no trabalho direto dos educadores com as crianças (Friedmann, 1996). No entanto é necessária a veiculação dos resultados educativos da aplicação desses métodos de forma científica.

Com essa preocupação existe, no Departamento de Psicologia Experimental da Universidade de São Paulo, um grupo de estudo cadastrado no CNPq denominado “Evolução e Comportamento”. Grande parte dos temas de pesquisa enfoca a relação criança-brincadeira e também apresenta dados coletados em creches e pré-escolas da grande São Paulo.

Segundo Gosso (2004, p.24) estudar as brincadeiras desenvolvidas para as crianças tem grande importância, pois “... essa prática atribui-lhe a função de aprendizagem de certas habilidades, valores e comportamentos sociais importantes na vida adulta...” Nessa perspectiva, o estudo da brincadeira é importante, não somente para compreender as interações infantis, mas também como uma estratégia de investigação do comportamento dos adultos na sociedade.

De fato Carvalho, Magalhães, Pontes e Bichara (2003) apresentam alguns estudos do Brincar com enfoque etológico em várias localidades brasileiras e, de acordo com a cultura local, apontam brincadeiras de infância muito distintas.

Diante disso, este estudo visou observar as possíveis alterações da relação criança-criança com a utilização das BTs como ferramenta pedagógica para o desenvolvimento social da criança na faixa etária de 3 a 5,9 anos de idade.

2 Refletindo sobre a brincadeira tradicional infantil

A universalidade de temas e valores presentes em diversas populações distantes traz algumas hipóteses acerca da origem comum do folclore em diversos países. São elas:

- As histórias se originam na humanidade primitiva e todas as raças conservam-nas através de suas migrações;
- Houve em tempos passados um contato direto entre as diversas raças humanas, graças ao qual os contos foram transmitidos de uma tribo a outra.
- Há tal semelhança entre a mentalidade de diversas raças, durante a fase primitiva de seu desenvolvimento, que elas podem ter inventado ao mesmo tempo as histórias, independente uma das outras.

De acordo com Kishimoto (1993) essas três hipóteses tentam explicar a semelhança dos contos, brincadeiras e jogos em diversos países, a da imigração em tempos remotos, a origem das histórias na

humanidade primitiva e a criação independente das mesmas por diversos povos.

Ressaltar que as BTs ilustram a cultura local e, reviver e estudar essas brincadeiras e suas manifestações, podem auxiliar na compreensão das diferentes culturas.

No entanto existem alguns contratempos que diminuiriam a prática das BTs, como a falta de espaço físico, parques, campos e praças, devido ao crescimento urbano e o surgimento de novas tecnologias. Assim as crianças de hoje brincam com uma menor interação com outras crianças, pois moram em pequenos apartamentos e utilizam brinquedos pré-confeccionados que pouco estimulam a imaginação e a criatividade.

Sabendo dessa realidade, canais de TV como Cultura, Discovery Kids, Disney Channel abordam programas como *X-TUDO*, *MISTER MAKER*, *ART ATTACK*, que ensinam a confeccionar diversos brinquedos, dentre eles brinquedos tradicionais, mostrando que é possível revivê-los adaptando-os às condições contemporâneas.

No entanto, mesmo com os brinquedos tradicionais, os pais e os responsáveis das crianças proíbem-nas de brincar fora de casa, a fim de afastá-las do perigo que a rua proporciona. Com isso, a criança acaba “divertindo-se” em jogos de videogame ou computador em sua casa, longe do benefício do convívio com outras crianças, desviando o valor da formação da educação com valores éticos, sociais e culturais que são necessários para a formação da criança.

No entanto, para ocorrer o resgate das BTs, o ponto de partida é a valorização do material que se obtém nas comunidades, nos bairros, nas escolas, a promoção de encontros com a comunidade, estimulando os participantes a contar e ensinar brincadeiras, a confecção e a exposição

de brinquedos de sua infância, criando dessa forma uma estratégia de não deixá-las esquecidas. As BTs podem contribuir para estimular vários aspectos do desenvolvimento da criança, como físicos, motores, sensoriais, afetivos e cognitivos (GOSSO, 2004).

Entretanto percebe-se que existem poucos CEI que adotam BTs como ferramenta pedagógica de forma sistematizada. Para confirmar este pressuposto, o projeto “Brincadeiras que meus pais brincavam” foi incluído no CEI Neide Clarassot, após a conclusão deste estudo.

3 A importância das Brincadeiras Tradicionais para a criança

Brinquedos, brincadeiras e jogos fazem parte do universo das crianças e numa manipulação de um brinquedo tradicional como a “bola de gude”, Piaget (1977) identificou quatro estágios no que se refere à prática das regras:

- Motor Individual – crianças de até 2 anos de idade manipulam individualmente as bolinhas sem nenhuma regra. Ou seja, realmente realizam a brincadeira na sua essência;
- Egocêntrico – quando crianças de 2 a 5 anos de idade, público do atual estudo, recebem exemplos de regras e jogam individualmente sem se preocupar com os parceiros ou adversários;
- Cooperação nascente – crianças de 7 ou 8 anos de idade procuram vencer seus adversários com controle mútuo de respeito às regras – na prática, existe acordo entre os participantes durante o jogo, mas as regras são incipientes e contraditórias;

-
- Codificação das regras – a partir dos 11 anos de idade as regras passam a ser devidamente regulamentadas e conhecidas pelos membros do jogo.

Ao colocar a criança para manipular as bolas de gude, acredita-se que isso proporcionará o desenvolvimento da imaginação, coordenação motora, fala e sociabilização na devida proporção das diferentes faixas etárias. Portanto, em todo esse processo a brincadeira pode estimular a representação da realidade e preparar a criança para a cidadania.

O brincar tem um significado especial para a educação, uma vez que a criança lida com seus conflitos, limitações e possibilidades, introduzindo-a gradativamente no universo sócio-histórico-cultural, abrindo caminho no processo de ensino-aprendizagem e favorecendo a reflexão, autonomia e criatividade (OLIVEIRA, 2000),

Em algumas escolas as brincadeiras espontâneas no planejamento são consideradas como um facilitador da autonomia, da criatividade, da experimentação (FRIEDMAN,1996).

A brincadeira infantil proporciona o desenvolvimento integral da criança por existir uma grande variedade de estímulos intrínsecos e extrínsecos, podemos perceber que durante a realização da brincadeira ocorre a utilização da memória, observação, raciocínio, imitação, aspectos verbais e não verbais que favorecem o desbloqueio corporal e lingüístico [...]. (FRIEDMAN,1996 , p.71).

Brinquedos tradicionais, como a bola de gude, têm qualidades para satisfazer de bom grado

as necessidades de desenvolvimento das crianças contemporâneas. Enquanto brinca, a criança sorri e se satisfaz, favorecendo seus aspectos físicos, moral, social e emocional.

Nos tempos passados e atuais as crianças continuam esperando ansiosamente a hora do recreio. No entanto era comum ver os recreios serem aproveitados para se brincar de roda, cantar, já hoje os contextos são pobres e não favorecem as atividades lúdicas. Isto é reflexo da própria estrutura das escolas que privilegiam cada vez mais o estudo puramente intelectual restrito às salas fechadas, favorecendo a alienação (CATAPAN 1998).

Segundo Catapan (1998) há várias formas de promover melhoras no recreio em nossas escolas, como a diversificação geral do espaço, criando áreas para as atividades e introduzindo equipamentos lúdicos para promover práticas diversificadas, proporcionando o convívio, além de repouso, mais calmos e acolhedores.

Com estas modificações espera-se melhorar o recreio, estimulando a realização de brincadeiras que respondam às necessidades de desenvolvimento e alterando assim o comportamento social das crianças.

É com a brincadeira que a criança aprende a conhecer a si própria, as pessoas que a cercam, as relações entre as pessoas e os papéis que ela assume. A interação da criança com a brincadeira indica uma forma particular de conhecer e conceber a vida (BRUHNS, 1997).

Bruhns (1997) afirma que, com a participação ativa do professor, a escola funciona como elemento catalisador de colaboração, cooperação, motivação e apreço pela atividade em desenvolvimento, que se define, de forma significativa e decisiva, o fator de sucesso e insucesso na vida de cada um.

4 Brincadeiras Tradicionais como ferramenta para o processo de ensino-aprendizagem na escola

Acredita-se que em inúmeros momentos os professores substituem a brincadeira por conteúdos que muitas vezes não são do interesse do aluno. Isto acontece pelo fato da recreação não ser vista como um dos meios pedagógicos para a aprendizagem e o desenvolvimento do aluno.

Muitas das vezes o educador utiliza a recreação como uma estratégia para que as crianças se cansem, deixando-as calmas para que o mesmo consiga manter o controle da sua aula. Mas o educador esquece que a recreação também pode ser um objeto para a educação, que sendo utilizada de forma correta proporciona à criança os estímulos necessários para que possa se autodesenvolver com prazer. Portanto, a utilização da recreação na rotina escolar deve ser incentivada de forma prazerosa, promovendo a alegria, o prazer e a espontaneidade (KISHIMOTO, 1993).

As escolas necessitam ter consciência da importância e necessidade de um espaço tanto físico quanto temporal, para a brincadeira acontecer. Cabe às mesmas destacar a importância da brincadeira, sua função e qual expectativa, do ponto de vista educacional, que a brincadeira traz para o desenvolvimento das habilidades da criança.

A criança atual desenvolve suas habilidades precocemente e expressa sua vontade e seu intelecto diferente das crianças de antigamente, mas com a ânsia dessas novas tendências as práticas antigas e eficazes deixaram de ser usadas.

Empiricamente observa-se também que as práticas pedagógicas no CEI estão corretamente direcionadas para a educação higiênica, emocional, motora, religiosa e tarefas de alfabetização. No

entanto adota o brincar espontâneo sem atribuir uma função educativa a esse ato.

Há muito tempo as creches e pré-escolas demonstram que os materiais privilegiados pelas instituições infantis continuam sendo os impressos (exercícios de colorir e ligar os pontos). Os brinquedos utilizados são resultado de uma cultura capitalista industrial (Barbie, Batman) e estão predominando no modelo escolar, marginalizando a expressão a criatividade e a iniciativa da criança (FERRAN, 1979).

Para formar seres críticos e criativos, deve-se enriquecer o cotidiano infantil com a inserção de brincadeiras, contos, lendas e brinquedos. Por esse motivo a educação infantil deve abordar as riquezas folclóricas, como seus contos, lendas e brincadeiras tradicionais para não ocasionar a separação entre a escola e a cultura (KISHIMOTO, 1997).

Quando brincam, as crianças confrontam-se com uma variedade de problemas interpessoais e sociais que contribuem para sua inserção social “*Quem vai ser o primeiro?*”; “*Por que não é minha vez agora?*”; “*Ela não cumpriu o combinado*”. Essas situações de conflito exigem que a criança perceba que faz parte de um grupo que deve respeitar, ouvir, cooperar e assumir suas responsabilidades com sucessos e insucessos do que foi combinado.

Macedo; Passos; Christie (1997) afirmam que brincar com o outro exige troca de pontos de vista, o que leva a criança a observar os acontecimentos sob várias perspectivas, pois sozinha ela pode dizer e fazer o que quiser pelo prazer e contingência do momento. Entretanto, quando se está diante de outras pessoas, percebe que deve pensar naquilo que vai dizer e fazer, para que possa ser compreendida e aceita. A relação com o outro, portanto, permite que haja avanço maior na organização do pensamento do que se cada criança estivesse só.

Implantação e Resultados do Projeto “Brincadeiras que meus pais brincavam”

Após um questionário aplicado aos pais e funcionários do CEI Neide Clarassot – São Paulo – SP, identificaram-se as BTs praticadas por eles.

Todas as BTs foram explicadas e apresentadas didaticamente às crianças do 1º estágio (3 anos de idade), 2º estágio (4 anos de idade) e 3º estágio (5 anos de idade), que então escolheram as brincadeiras quais gostariam de vivenciar.

Criou-se um cronograma anual que foi divulgado mensalmente no CEI. Esse cronograma, com dia, horário e local da atividade, auxiliou no controle das vezes que as BTs foram abordadas e melhorou a organização e o envolvimento de toda instituição no desenvolvimento da pesquisa.

As BTs propostas no cronograma foram:

- 1 Amarelinha: desenho no chão composto de quadrados únicos ou duplos denominados de “casa”. A regra estabelece que a brincadeira começa ao atirar uma pedrinha na casa 1. Seu objetivo é passar por todas as outras casas (pisando com apenas um pé nas únicas e com os dois nas duplas) até chegar ao final denominado “Céu”, onde pisará com os dois pés. De lá, retorne do mesmo jeito, só que, dessa vez, pare antes da casa 1 e, com apenas um pé no chão, se abaixe para pegar a pedrinha e pule em direção ao início do jogo e recomece jogando a pedra na casa 2 e assim por diante, pulando sempre a casa onde está a pedra;
- 2 Corre-cotia: as crianças sentam-se em uma roda e cobrem os olhos. Uma delas anda em volta com um lenço na mão para deixar atrás de um dos amigos. E vai cantando a música:

“Corre-cotia, na casa da tia. Corre-cipó, na casa da vó. Lencinho na mão, caiu no chão. Moça bonita do meu coração. Posso jogar? Ninguém vai olhar?”. O participante que achar o lenço atrás dele corre atrás do que jogou e quando pegá-lo, ele vira o “cantador”, o outro se senta e a brincadeira recomeça;

- 3 Estátua: você coloca uma música e as crianças começam a dançar. Quando abaixar o som e gritar “estátua”, todos devem ficar parados;
- 4 Esconde-esconde: uma criança conta até determinado número, enquanto as outras vão se esconder. Após a contagem ela tem que achar as outras crianças;
- 5 Pular corda: dois participantes, cada um em uma ponta da corda, batem corda para os amigos possam pular cumprindo tarefas, enquanto recitam parlendas (NOGUEIRA, 2000).
- 6 Corrida de saco: os corredores entram num saco de estopa e ao sinal saem pulando ao mesmo tempo. O vencedor é quem cruzar primeiro a linha de chegada;
- 7 Passa-anel: todos juntam as mãos, palma com palma. O passador da vez vai “cortando” as mãos dos outros até deixar, discretamente, o anel em uma delas. Então, pergunta aos jogadores com quem está o anel, quem acertar será o próximo passador;
- 8 Dança das cadeiras: separe uma cadeira a menos do que o número de participantes. Faça uma roda com os assentos virados para fora e coloque a música para as crianças dançarem ao redor delas. Quando a música parar, elas devem se sentar. Quem não conseguir, sai do jogo e leva uma cadeira consigo. Assim continua até que sobre apenas um participante, o vencedor;

-
- 9 Telefone sem-fio: os alunos devem ser colocados em fila, lado a lado. O 1º aluno da fila inventa uma mensagem e a transmite para o aluno seguinte, falando baixinho no ouvido até chegar ao último da fila que dirá para todos a mensagem que recebeu;
- 10 Vivo ou morto: um participante fica em pé, de frente para o grupo. Ele dá dois comandos: “vivo” – e todos têm de ficar em pé – ou “morto” – quando todos agacham. A diversão fica por conta de quem se atrapalha.
- 11 Cabo de guerra: usa-se uma corda resistente e divide-se as crianças em dois grupos iguais. Cada grupo puxa a corda e vence o lado mais forte;
- 12 Pular elástico: separe 2 metros de elástico de roupa e dê um nó. Duas crianças em pé, frente a frente, colocam o elástico em volta dos tornozelos, formando um retângulo. Um terceiro participante faz uma seqüência determinada de saltos e a medida que acerta a seqüência sem tropeçar aumenta-se o grau de dificuldade;
- 13 Elefante colorido: os participantes ficam espalhados e um aluno grita: elefante colorido? E os participantes respondem: “Que cor?” E o aluno diz uma cor e os participantes têm que tocar um objeto na cor correspondente;
- 14 O mestre mandou: os alunos decidem quem será o mestre. O escolhido fica à frente dos outros para dar as ordens, os que não obedecerem sairão da brincadeira e o que permanecer mais tempo na brincadeira será o novo mestre, entre outras;
- 15 Brincadeira de roda: as crianças formam uma roda de mãos dadas e cantam melodias folclóricas (NOGUEIRA, 2000), podendo executar ou não coreografias acerca da letra da música;
- 16 Adoleta: cantando “*A-do-le-tá Le-pe-ti Pe-ti-pe-tá Le café com chocolá A-do-le-tá*”; os componentes fazem formação de roda, e batem com a palma no dorso da mão direita do seu componente do lado e assim em diante. Este movimento ritimado segue a silabação da música. O último a ser batido de acordo com a silabação da música sai da brincadeira;
- 17 Batata-quente: primeiro se pega um objeto para ser a batata-quente, como uma bola, por exemplo. Forma-se um círculo com os participantes e canta-se: “Batata-quente, quente, quente, quente...” e vai repetindo até dizer “queimou”. Quem estiver com a bola na mão na hora da palavra “queimou” está desclassificado. A brincadeira continua até que sobre apenas uma pessoa, que é o vencedor.
- 18 Confeção de brinquedo: ao final de cada mês confecciona-se um brinquedo, como, por exemplo, pipa, perna de lata, vai-volta, bibolquê.
- No momento de brincar todas as crianças ficavam ansiosas para participar e no decorrer das BTs as crianças aprenderam a se comportar e a se organizar de forma que todos participassem, ocorrendo integração e cooperação, porque se ajudavam mostrando ou ensinando o que foi passado.
- Esses fatos proporcionaram vivências variadas para que a criança enriqueça sua capacidade motora e social. De Waal (1990) afirma que é muito mais simples observar as crianças do que os adultos, por elas apresentam menor probabilidade de alteração de comportamentos em função da presença de observadores.

Todas as BTs realizadas foram expostas no “Cantinho de Exposição” por meio de fotos e exposição do material confeccionado no final do mês, com intuito de valorizar e fixar o trabalho realizado.

Algumas dessas BTs que não aconteciam no cotidiano escolar, começaram a se manifestar constantemente. As educadoras utilizaram as BTs abordadas para os alunos colocando-as no tempo ocioso, pois era o momento em que as crianças ficavam sem fazer nada, dando espaço para ficarem “bagunçando”. As BTs ajudaram a minimizar este problema comportamental e eram utilizadas como recompensa nesse período. Outra forma de manifestação de socialização foi a cobrança das próprias crianças para com as educadoras, fazendo com que elas participassem das BTs.

Na atividade do elefante colorido foi espalhado pelo pátio o nome e a cor receptiva, e a brincadeira inicia-se quando: Professora: Elefante colorido? Crianças: Que cor? Professora: Azul. A sala do 1º estágio teve muita dificuldade em realizar essa atividade, pois não conseguiam diferenciar as cores, já com os outros estágios ocorreu de forma positiva, tanto que ao falar uma fruta “banana” eles tinham que pensar que cor era a fruta para poder ir até a cor correspondente.

Outro momento de manifestação social com a aplicação das BTs foi presenciado quando as crianças do 2º estágio estavam brincando de roda de forma voluntária sem a intervenção de um adulto. Ao perceber que um aluno estava fora da roda chorando e triste, a Educadora interveio perguntando: “- Qual o motivo de você não estar brincando?”, o Aluno apontou para as crianças que estavam brincando e respondeu que não o deixaram brincar. Outra professora relatou que ele ficou se jogando no chão e como não brincava corretamente as crianças o tiraram da roda não o deixando brincar mais.

Isso foi uma ação punitiva do próprio grupo fazendo com que o aluno desenvolvesse um comportamento social mais adequado, pois houve a necessidade de ocorrer à intervenção da Educadora com o intuito de esclarecer ao aluno a situação, de forma que o favorecesse e o trouxesse de volta a brincadeira, assim obedecendo às regras.

Noutro dia a atividade proposta na sala do 1º estágio foi a confecção de pipa, cada criança fez a sua e foram para o pátio empinar. No momento em que se solicitou que as crianças voltassem para a sala de aula, um dos alunos ficou bravo porque gostaria de brincar um pouco mais. Foi explicado que todos iriam guardar a sua pipa na mochila para brincar em casa e ele me respondeu que não poderia brincar em casa porque tinha grade.

Isso fortalece as discussões sobre os problemas contemporâneos citados anteriormente nesta pesquisa e demonstra que as BTs desenvolvidas na escola com as crianças estavam sendo valorizadas.

Foi observado no decorrer do projeto que as BTs proporcionaram às crianças momentos de divertimento e prazer agregando com os benefícios que proporcionaram: espontaneidade, interação, liberdade de fazer, experimentação, cumplicidade, sociabilização, além dos aspectos físicos, motores, sensoriais, afetivos, cognitivos, entre outros.

Nas atividades competitivas as crianças não demonstraram repulsas e sim que gostariam de brincar novamente, desenvolvendo a paciência por terem que esperar até chegar sua vez novamente. Este resultado está de acordo com a literatura, pois crianças nesta faixa etária jogam individualmente sem se preocupar com os parceiros ou adversários (Piaget, 1977).

E assim notou-se a cumplicidade entre os alunos se adaptando assim às regras e ao convívio social.

Considerações Finais

O projeto atingiu o objetivo, pois resgatou as BTs, fez com que as crianças se apropriassem das mesmas e essas atividades fazem parte do projeto pedagógico da CEI.

Este trabalho procurou demonstrar que as BTs podem ser um meio de facilitar o processo de ensino—aprendizagem da criança, seja pelas habilidades que a brincadeira desenvolve ou pelo convívio social que elas proporcionam.

Em relação aos profissionais da instituição do CEI Neide Clarassot têm-se os seguintes relatos:

Da coordenadora da instituição:

“Segundo as aulas da educadora Cintia, podemos perceber que suas atividades estão desenvolvendo nas crianças a parte social, motora e física de acordo com a faixa etária. Suas aulas são aplicadas semanalmente com brincadeiras populares. Dentre elas: esconde-esconde, pular corda, amarelinha entre outras. Cada estágio tem seu dia e hora marcada para um melhor resultado. Ao final do mês é confeccionado um brinquedo com sucata e materiais disponíveis. As crianças aproveitam a cada minuto, incorporando novas regras e limites junto ao grupo. O projeto vem se desenvolvendo desde março, desde então muito se mudou, inclusive o comportamento das educadoras, que participam junto e ajudam a confeccionar os brinquedos. Espero que com a continuidade do projeto possa mudar muito mais e que as educadoras incorporem as brincadeiras junto aos conteúdos. O projeto se desenvolverá até o mês de novembro, seguindo o mesmo ritmo com três aulas práticas e uma confecção. Educar não é uma profissão, é a arte de saber ensinar com carinho e dedicação”

Das professoras:

“O projeto ‘brincadeiras que meus pais brincavam’ desenvolvido pela educadora Cíntia é de grande valia para os alunos, já que resgata brincadeiras pouco utilizadas nas escolas. Podemos notar que o projeto foi bem-aceito pelos alunos que participam com entusiasmo e estão sempre lembrando as brincadeiras que aprenderam. A educadora a partir das atividades aplicadas promove o trabalho em grupo, socialização e o respeito entre os colegas. Aponto como relevante a confecção de brinquedos feita ao final de cada mês, utilizando sucatas como recurso, dando aos alunos condições de criar o próprio brinquedo. Em suma, as atividades não são utilizadas somente nas aulas ministradas pela educadora Cíntia, mas também por nós em sala de aula nos momentos ociosos ou quando solicitado pelos alunos, fato que acontece com frequência”.

Da diretora:

“O projeto desenvolvido na instituição está proporcionando muito avanço junto às crianças, tanto na parte física quanto no sociocultural. Explorar brincadeiras populares é uma atividade muito valiosa, tendo em vista que atualmente a liberdade de expressão infantil é reprimida e contida pela forma de vida que a sociedade adota. As brincadeiras antigas proporcionavam à criança o estímulo no seu processo, no desenvolvimento trazendo liberdade de expressão e até mesmo no crescimento. No decorrer do projeto nota-se que as brincadeiras simples como esconde-esconde são desenvolvidas com grande entusiasmo e participação de todos. Os valores que as mesmas englobam deveriam ser aproveitados sempre, visando que a sociedade em que vivemos enxerga a criança como um futuro cidadão, o que não deixa de ser, porém não se pre-

ocupa com o principal que é deixar a criança ser criança através do que tem de melhor para que isso aconteça: a brincadeira”.

Jokes that my parents joked educational project CEI Neide Clarassot

This study presents the story of a project that was developed inside of institution CEI Neide Clarassot – São Paulo – SP, with 60 children of 3 the 5.9 old years, entitled “Tricks that my parents played”. The project searched to rescue traditional tricks that the parents of the pupils played and to adopt them as pedagogical tool in day-by-day of the school. Initially a research was applied with the parents and employees of the school, on which tricks they made in its infancy. Later these tricks they had been presented to the pupils, who chose the ones that they would play in each month. The results of these experiences had been the appropriation of these tricks for kids and teachers

Key words: Traditional tricks;
Pedagogical project; Child and socialization.

Referências

- BRUNS, H. T. (org). *Introdução aos Estudos do Lazer*. Campinas: Unicamp, 1997.
- CARVALHO, A. M. A.; MAGALHÃES, C. M. C.; PONTES, F. A. R.; BICHARA, I. D. *Brincadeira e cultura: viajando pelo Brasil que brinca*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2003.
- CATAPAN, A. H. Apresentação . In: FRANCISCO ANTONIO PEREIRA FILHO. (Org.). *Introdução*. Curitiba: Genesis, 1998, p. 6-7.
- De Waal, F. B. Humans. In: *Peacemaking among primates Cambridge*: Havard Univerty Press, 1990, p. 229-271.
- FERRAN, P. et al. *Na escola do jogo*. Lisboa: Estampa, 1979.
- FRIEDMANN, A. *Brincar: crescer e aprender o resgate do jogo infantil*. São Paulo: Moderna, 1996.
- GOSSO, Y. *Pexe oxemorai: brincadeiras infantis entre os índios Parakanã*. 2004. 266f. Tese (Doutorado), São Paulo: Instituto de Psicologia, USP.
- KISHIMOTO, T. M. *Jogos Infantis: o jogo, a criança e a educação*. Petrópolis: Vozes, 1993.
- KISHIMOTO, T.M. *Jogo, brinquedo, brincadeiras e educação*. São Paulo: Cortez, 1997.
- KISHIMOTO, T. M. *O brincar e suas teorias*. São Paulo: Pioneira, 1998.
- MACEDO, L.; PASSOS, A.S.; CHRISTE, N. *Quatro cores, senba e dominó: oficinas de jogos em uma perspectiva construtivista e psicopedagógica*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1997.
- NOGUEIRA, M. A. *Brincadeiras tradicionais musicais: análise do Repertório recomendado pelo Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil / MEC, 2000*. Disponível em: <http://www.anped.org.br/reunioes/23/textos/0711t.PDF>. Acesso em 20 de janeiro de 2009.
- PIAGET, J. *O julgamento moral da criança*, São Paulo: Mestre Jou, 1977.
- OLIVEIRA, V.B. *O brincar e a criança em crescimento*: Rio de Janeiro: Vozes, 2000.
- SCHWARTZ, G. M. *Atividades Recreativas – Série Educação Física no Ensino Superior*. Rio de Janeiro: Guanabara, 2004.

recebido em 20 jun. 2009 / aprovado em 30 set. 2009

Para referenciar este texto:

SILVA, C. L.; ALMEIDA JÚNIOR, B. R. de; PAULO, A. C. Brincadeiras que meus pais brincavam: projeto educacional do cei neide clarassot. *Dialogia*, São Paulo, v. 8, n. 2, p. 259-268, 2009.